

Materializando saberes e fazeres: contação de histórias para salvaguarda de saberes tradicionais

Materializing knowledges and practices: storytelling as a means of safeguarding traditional knowledge

FARIAS, Luiza Gomes Duarte de; Universidade Federal do Maranhão; UFMA
NORONHA, Raquel Gomes; Universidade Federal do Maranhão; UFMA
SILVA, Inez Maria Leite da; Universidade Federal do Maranhão; UFMA
FURTADO, Cássia Cordeiro; Universidade Federal do Maranhão; UFMA

Resumo

Esta pesquisa estuda a contribuição do design participativo e do designantropologia para autonomia de povos tradicionais através da narração de seus próprios saberes e fazeres com o intuito de colaborar em sua salvaguarda. No cenário contemporâneo, diversas etnias indígenas brasileiras consideradas extintas vêm passando por um processo de “ressurgência” para retomada do território usurpado, resgate de sua identidade étnica e de sua memória coletiva. No Maranhão, há inúmeros grupos nesta situação. Ações em torno da sistematização e inventariação do saber-fazer tradicional contribuem no processo de reconhecimento de suas identidades, no entanto, é necessário que haja um esforço para facilitar a construção participativa a fim de considerar a autonomia das comunidades na contação de seus próprios saberes. A investigação objetiva, portanto, a promoção e a reflexão sobre a cocriação de narrativas a respeito da produção artesanal de um povo indígena no Maranhão, à luz da decolonialidade no campo do design. Por meio de uma Pesquisa-Ação Participativa (KINDON, PAIN e KESBY, 2007), inspiradas pelas abordagens do designantropologia e do design participativo, será realizado o mapeamento dos aspectos socioculturais e territoriais, a observação participante e a construção de coisas capazes de eliciar a negociação entre as questões trazidas, através de ações de prototipação e imaginação coletiva. Como resultados esperados, busca-se a difusão sobre os saberes originários no meio acadêmico e a inventariação da produção artesanal da comunidade em questão, favorecendo a associação entre saberes tácitos e especializados no campo do design.

Palavras-chave: design participativo; design anthropology; comunidades tradicionais; narrativas

Abstract

This research studies the contribution of participatory design and design anthropology to the autonomy of traditional peoples through the narration of their own knowledge and practices in order to collaborate in their safeguarding. In the contemporary scenario, several Brazilian indigenous ethnic groups considered extinct have been going through a process of “resurgence” to retake the usurped territory, rescue their ethnic identity and their collective memory. In Maranhão, there are numerous groups in this situation. Actions around the systematization and inventorying of traditional know-how contribute to the process of recognizing their identities, however, it is necessary to make an effort to facilitate participatory

construction in order to consider the autonomy of communities in sharing their own knowledge. The objective of the investigation, therefore, is to promote and reflect on the co-creation of narratives about the artisanal production of an indigenous people in Maranhão, in the light of decoloniality in the field of design. Through a Participatory Action-Research (KINDON, PAIN and KESBY, 2007), inspired by the approaches of design anthropology and participatory design, we will carry out mapping of sociocultural and territorial aspects, participant observation and the construction of things capable of eliciting negotiation between the questions raised, through prototyping actions and collective imagination. As expected results, we seek to disseminate knowledge originating in the academic environment and inventory the artisanal production of the community in question, favoring the association between tacit and specialized knowledge in the field of design.

Keywords: participatory design; design anthropology; traditional communities; narratives

Entre os vários povos originários que residem em territórios maranhenses, está a etnia Akroá-Gamella. Atualmente, o grupo habita a aldeia Taquaritiua, no município de Viana, terras que receberam a demarcação oficial ainda no período colonial, através da “Carta Régia de Sesmaria e por mercê de sua Majestade” de 1759 (ANDRADE, 1990; VARGA, 2019). Ao longo de dois séculos, o povo Gamella sofreu um intenso processo de apagamento de suas identidades, mediante a assimilação dentro da categoria de “caboclos” e “camponeses” por parte de políticas indigenistas estatais. Em 2013, este povo deu início a um processo de ressurgência em busca do reconhecimento de sua identidade étnica, o resgate da memória coletiva e a retomada das terras usurpadas. Já em 2017, o Núcleo de Pesquisas em Inovação, Design e Antropologia (NIDA), no âmbito do projeto “Cirandas de saberes: percursos cartográficos e práticas artesanais em Alcântara e na Baixada Maranhense”, realizou mapeamentos e ações de cocriação em campo com o povo Gamella em Taquaritiua. A proposta surgiu como uma resposta à necessidade de elaboração de estratégias de sistematização dos saberes e fazeres artesanais locais. Durante os encontros, foi possível identificar uma série de artefatos, técnicas e materiais que caracterizam sua produção e revelam um forte vínculo com a sua territorialidade, como o fazer com a fibra de guarimã (*Ischnosiphon spp.*), utilizada na confecção de peças como tapitis, balaios de perna, urupemas, entre outros (NORONHA *et al.*, 2017). A autonomia, como proposta por Escobar (2016), advém da capacidade de cada comunidade em produzir o design de si mesma, constituindo suas visões de mundo, valores, saberes e fazeres. Esses “designs outros”, que se diferem dos modelos ocidentais e modernos de se conceber a prática projetual, guardam traços da identidade destas populações, que cotidianamente os reproduzem, tornando-se parte constituinte de sua história e memória coletiva. Portanto, investigar estes saberes e fazeres artesanais implica compreender a relação entre as pessoas e os materiais a partir da geração de sentidos nos processos produtivos. Ao longo de uma vida de prática, a produção da(o) artesã(o) e as narrativas da vida individual e coletiva tornam-se inseparáveis, pois a capacidade criativa se encontra na habilidade de resposta contínua às circunstâncias cotidianas. Estes saberes, compartilhados entre as gerações por meio da oralidade e da prática, caracterizam-se por sua natureza tácita e pouco articulada, o que dificulta o processo de descrição e formalização e o leva a ser ignorado (SPINUZZI, 2005). Segundo Gonçalves (2013), são considerados “patrimônios” culturais, expressão comumente utilizada para indicar a atividade, comum a todo grupo humano, de colecionamento de objetos materiais, como uma forma de delimitar um domínio subjetivo em relação ao “outro”. Em várias culturas, sobretudo aquelas que ainda preservam traços tradicionais, os patrimônios materiais constituem extensões de seus proprietários e refletem a memória coletiva de um povo. Utilidade prática e sentido social estão mutuamente imbricados na vida dos artefatos. Já a definição do patrimônio imaterial abrange os aspectos ideais e valorativos de formas de vida em um fenômeno cultural, como lugares, festas, religiões, música, dança, técnicas e culinárias,

perspectiva dentro da qual as diferentes formas de saber-fazer também estão inseridas (GONÇALVES, 2013). Reconhecer a validade de formas de saberes e fazeres de povos tradicionais indígenas significa assumir a escolha de contar narrativas que foram paulatinamente ignoradas e invisibilizadas pela modernidade. Isto representa uma mudança de eixo nos modos de se conceber a pesquisa em design, situando e engajando a prática de produção de conhecimento em seu território de reprodução. O caso específico do povo Gamella demonstra a importância de práticas de pesquisas participativas, dado que tal contexto apresenta um histórico marcado pela intensa opressão étnico-racial e anulação de suas formas de conhecimento, situação semelhante à de tantas outras populações tradicionais. A criação colaborativa de narrativas por meio do design participativo e do designantropologia possibilita a recuperação e tangibilização de suas representações situadas. Logo, atua de modo a fortalecer a autonomia da comunidade e do território, valorizando a construção de saberes de forma mútua e engajada. Dessa forma, a pesquisa em epígrafe parte do seguinte questionamento: como o design participativo e o designantropologia contribuem para a autonomia de povos tradicionais através da narração de seus próprios saberes e fazeres a fim de salvaguardar a sua produção artesanal? A investigação objetiva investigar, por meio da cocriação de narrativas, a produção artesanal de um povo indígena do Maranhão, à luz da decolonialidade no campo do design, a partir das abordagens de designantropologia e design participativo. Quantos aos objetivos específicos, busca-se: a) produzir a inventariação dos saberes e fazeres em colaboração com a comunidade; b) sistematizar os processos produtivos e dar visibilidade à materialidade da saberes e fazeres artesanais; c) analisar a contribuição das práticas participativas na tangibilização de saberes tradicionais por meio da construção de narrativas; d) favorecer a difusão sobre os povos originários na produção acadêmica e no campo do design. No que diz respeito à classificação da pesquisa, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e de natureza aplicada, pois objetiva a produção de conhecimento para a aplicação prática através de processos de inventariação dos sistemas de saberes e fazeres tradicionais (GIL, 2002). Quanto aos objetivos, possui caráter explicativo, já que evidencia os fatores que contribuem para a reprodução das narrativas locais sobre a produção artesanal (GIL, 2002). Metodologicamente, consiste em uma Pesquisa-Ação Participativa (PAR), um método contra hegemônico que se pauta no reconhecimento dos saberes de grupos marginalizados, ao envolver todos os participantes da pesquisa no processo de construção de conhecimento. Por meio de processos iterativos de ação e reflexão, a pesquisa deve ser interpretada e vivenciada de forma situada, impulsionando a mudança de processos sociais (KINDON; PAIN; KESBY, 2007). Tal prática reflexiva guiará o fortalecimento da autonomia da comunidade, valorizando as categorias nativas e considerando-as na constituição dos direcionamentos da pesquisa. Os princípios da PAR serão, desse modo, combinados às abordagens do design participativo e designantropologia, valorizando a criação colaborativa de “coisas de design” (BINDER *et al.*, 2010). Estas materialidades estimularão o diálogo sobre as questões que emergem em campo, devido a sua capacidade em tornar tangível narrativas coletivas, antecipar cenários futuros e facilitar o processo de tomada de decisão. Como resultados esperados, esta investigação propõe associar os saberes tradicionais e os saberes especializados, contribuindo na difusão científica sobre povos originários no meio acadêmico. As ações colaborativas guiarão a inventariação da produção artesanal do povo indígena, detalhando aspectos relativos aos materiais e à cadeia produtiva, bem como às narrativas plasmadas na tradição e na ancestralidade de seus saberes e fazeres. Em seguida, será elaborada a sistematização das questões trazidas durante os processos participativos, através da análise e reflexão sobre as categorias analíticas e nativas. Por fim, as perspectivas serão trianguladas com o intuito de compreender o potencial da articulação entre estes diferentes saberes na composição de narrativas situadas.

Referências

- ANDRADE, M. P. **Terra de índio:** terras de uso comum e resistência camponesa. 1990. 328 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- BINDER, T. et al. Democratic design experiments: between parliament and laboratory. **CoDesign**, n. 11, v. 3, p. 152-165, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15710882.2015.1081248>. Acesso em 23 maio 2023.
- ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y Diseño:** la realización de lo comunal. Universidad del Cauca (Popayán): Sello Editorial, 2016
- GATT, C; INGOLD, T. From description to correspondence: Anthropology in real time. In: GUNN, W; OTTO, T; SMITH, R. (eds.). **Design Anthropology:** Theory and Practice, pp. 139-158, London: Bloomsbury, 2013
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002
- GONÇALVES, J. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.). **Memória e patrimônio:** ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2013. p. 21-29
- KINDON, S. L.; PAIN, R.; KESBY, M. **Participatory Action Research Approaches and Methods:** Connecting People, Participation and Place. London: Routledge, 2007.
- NORONHA, R. et al. (org.), **Cirandas de saberes:** percursos cartográficos e práticas artesanais em Alcântara e na Baixada maranhense. São Luís: EDUFMA, 2017.
- SPINUZZI, C. The methodology of participatory design. **Technical Communication**. Washington, v. 52, n.2, p. 163-174., maio, 2005. Disponível em: <https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/28277/SpinuzziTheMethodologyOfParticipatoryDesign.pdf>. Acesso em 23 maio 2023.
- VARGA, I. van D. A Cabeça Branca da Hidra e seus pântanos: subsídios para novas pesquisas sobre comunidades indígenas, quilombolas e camponesas na Amazônia maranhense. **Revista de História**, [S. I.], n. 178, p. 1-34, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2019.138543. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/138543>. Acesso em: 23 maio. 2023.